

# VOGGA

: SEMANARIO ILUSTRADO DA MULHER :

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS  
DA ILUSTRAÇÃO  
30, R. da Alegria, 30 — End. teleg. : LIBERTRAN — LISBOA

DIRECTORA : LAURA NOGUEIRA  
SECRETÁRIO DE REDACÇÃO : CASTELO DE MORAIS

PROPRIEDADE E EDIÇÃO DE AILLAUD, LTD.\*  
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — 25, Rua Anchieta  
TELEF. C. 1084, C. 1606



«DESHABILLÉ» DA CASA HENRY LA PENSEÉ

(Foto Manuel Frères)

EXIGIR COM ESTE NÚMERO A FOLHA DE MOLDES

A REVISTA FEMININA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

Ayuntamiento de Madrid





Os jornais ingleses dizem que os cabeleiros de Paris encontraram o meio dos petises estarem quietos e aceitarem sem protesto a operação da tosquia. Para isso teem cadeiras que são cavalos, outras que são automóveis, «charrettes», camelos, etc.

Enfim, a loja do barbeiro torna-se num «carroncel» parádo, que faz as delicias dos garotos.

Um desses jornais preconiza maldosamente a adaptação do mesmo invento às cadeiras parlamentares dos países bulicosos... Uma pergunta nossa: Tratando-se de Portugal, como seriam as cadeiras?...

Um cronista dum periódico inglês queixa-se da avalanche de imprevisto que desaba todos os dias sobre a imprensa londrina. Há tanto assunto, tanto, que se torna impossível urdir uma crónica...

Colega e amigo! Há três ou quatro companhias de navegação que fazem carreiras semanais para Lisboa... Venha até cá e há-de ver que não há fartura que não dê em fome... Se vier, leva para Londres este avesso de provérbio e já não é pouco...

O divórcio parece que vai entrando nos nossos costumes como um meio fácil de mudar de mulher... ou de marido.

Os chineses e japoneses inventaram há muitas dezenas de anos o casamento a praso como a renda da casa, a pensão ou o empréstimo... Andará por aí alguma cruzada de moralidade amarela a fazer das suas?

Um tratado de estética moderna considera desleigos os pijamas para senhoras que pesem mais de quarenta e um quilos e pede uma lei proibitiva desse traje para todas as pessoas cujos corpos não mereçam o adjetivo «esguio».

Se o tratadista conhecesse a minha vizinha D. X. exigia para ela a pena de morte...

As estatísticas mundiais assustam-nos com um acréscimo de nascimentos de meninas. Sábios indagam as causas e não encontram. Astrólogos consultam os astros e nada descobrem.

Porque será? Será o próximo Quinto Império o reino das mulheres?

As profecias dizem alguma coisa a tal respeito. Aguardemos.



As nossas leitoras vão ter a oportunidade de aprender a desenhar. Vai ser inaugurado em Portugal o primeiro Curso de Desenho por Correspondência. Inaugura-o a Casa Bertrand através do seu «Magazine». Ali progressivamente podem as nossas leitoras aproveitar as suas faculdades artísticas e juntar aos seus predicados mais este — a hoje tão útil Arte do Desenho. Secção especial de Arte Aplicada Feminina sob o patrocínio da «Voga».

No próximo número do «Magazine Bertrand» serão indicadas as condições de admissão.

## AQUI PARA NÓS...

## SAUDADES

ESQUECIMENTO e saudade... Nem o esquecer é defeito, nem o lembrar com saudade é virtude. Há factos que são solúveis na memória como o açúcar o é na água; outros há que se não dissolvem. É um fenómeno químico da memória absolutamente dependente da natureza desses mesmos factos.

Fulano é um criminoso porque me esqueceu?... Não é.

Eu é que fui solúvel na memória dele, mais nada.

Fulano esqueceu-me para lembrar outra pessoa... Ainda um fenómeno químico, uma reacção; um alcalino que neutralizou um ácido e às vezes no composto obtido fica alguma coisa de mim e alguma coisa da outra pessoa...

Outra observação curiosa, mas esta de carácter psíquico:

Não são os grandes actos heróicos que deixam em quem deles foi alvo saudade de quem os praticou. São pequenas atenções, são momentos pequeníssimos da vida que teem o poder de perdurar através de tudo, de ficarem

lembrando, de pungirem docemente na memória, mais tarde, quando já não é possível revivê-los, quando já não existe a pessoa, o sentimento ou a força que os provocou.

Esse reviver da memória é que constitui a essência da saudade.

Tenho muitas saudades dele, dizemos às vezes. E não é verdade; as saudades nem sempre são da pessoa, são também da época, do dia, do perfume duma hora desse dia, ou ainda dum minuto de certa hora mas, como ele estava presente, nós dizemos que a saudade é dele...

Isto é tão complexo, tão confuso, tão cheio de ciladas para a verdade do nosso próprio sentir que vale mais guardar de tudo o que passou uma saudade indeterminada, uma saudade-essência, e dizer como um poeta do meu conhecimento:

O melhor dia é sempre o que já foi...

FRANCISCA DE AYE.

## LÁ POR FORA

## O LUXO ENTRE OS ANIMAIS

NAS cerimónias indianas, famosas pela sua riqueza de elementos decorativos, a escolha dos elefantes que devem tomar parte no cortejo, é motivo de sérias apreensões. Os elefantes escolhidos são ataviados com um luxo, para o qual certamente se criou a expressão de «explendor asiático».

Esta selecção é muito curiosa e dá origem a cenas muito interessantes que enriquecem as narrativas dos viajantes, e são a delicia dos correspondentes dos grandes periódicos. Assim é vulgar o telegrafo comunicar com a maior gravidade, da Índia, assuntos como este:

«Foi ontem vítima do cume dum elefante».

É um caso semelhante que acabamos de ver narrado numa correspondência para um diário americano.

Um elefante que figurou numa cerimónia, certamente um formoso paquiderme, à última hora adoeceu e a sua magestosa indumentária foi engalanar um outro animal. O elefante favorecido com a troca, parece que ficou muito satisfeito. Não podemos detalhar como o animal teria revelado a sua vaidade. O que foi notório, como demonstração de orgulho ferido, foi a raiva furiosa do outro elefante despojado.

Num dado momento recobrou a saúde e parece que reclamou os seus direitos aos trajes de luxo, merecidos pela sua beleza, porque, querendo impôr os seus direitos, investiu com o condutor e matou-o, depois de o levar junto do elefante rival.

Não conta a narrativa se o elefante assassino foi castigado ou se um dia virá em que os animais reclamem, a fim de se evitar futuros crimes, o direito do luxo...

SW

## ORAÇÃO AO NOIVO DESCONHECIDO

ANUALMENTE celebra-se no Japão uma festa típica, para festejar a chegada do outono. Gueichas sorridentes, muito pequeninas, desfilam processionalmente. Percorrem várias ruas, visitam frondosos parques até chegar ao templo onde elevam as suas preces. Aqui, num ritual em que os seus lindos sorrisos desenham os traços da severidade, todas as gueichas ressam pela felicidade daquelas que alcancem o matrimónio.

Poder-se-há dizer que esta festa o outono é a saudação ao noivo desconhecido.

SW



## EQUILÍBRIO MUNDIAL

Os moldes para elas

Os modelos para nós



MARCONI diz que brevemente os navios andam pelas ondas hertzianas, que vai falar-se pelas mesmas, cozinhar-se do mesmo modo e até o feijão verde, o carrapatinho burguês, vai ser feijão sem fios. F. S. F.

Que saudades iremos nós ter (se ainda houver fios do coração para a memória) do galeão S. João, da fragata D. Fernando e do lombo de porco assado nas brasas!

A propósito: Quando terão os contadores um fio de água sem Tifo? (A. S. T.)

SW

## VIDA ELEGANTE

FESTAS DE CARIDADE. — Realizar-se-há no fim do corrente ano, em um dos principais teatros da capital do norte, organizada por uma comissão de senhoras da primeira sociedade portuguesa, uma elegante recita de caridade por distintos amadores, sendo representada uma interessante comédia que, ultimamente, nessa cidade, obteve um êxito colossal quando representada por uma das nossas melhores companhias de declamação.

CASAMENTOS. — Para o sr. Júlio Claro Peixoto, foi pedida em casamento, na praia da Granja, a sr.<sup>a</sup> D. Olívia Moreira de Almeida, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Laura Moreira de Almeida e do sr. Constantino de Almeida, já falecido, devendo a cerimónia realizar-se no princípio do próximo ano.

— Em Moura, realizou-se, na capela armada na residência da sr.<sup>a</sup> D. Maria Augusta Fialho Pinto e do sr. Miguel Urbano Fialho Pinto, o casamento de sua gentil filha, D. Mariana Angélica, com o sr. dr. Nuno Limpo de Lacerda (Altas Moras), tendo servido de madrinhas a mãe da noiva e a sr.<sup>a</sup> D. Maria Fernandes Pery de Linde de Lacerda, e de padrinhos, os srs. dr. Manuel Limpo de Lacerda e Miguel Pedro Fialho.

— Na quarta-feira realizou-se no Porto, na paroquial igreja de Paranhos, o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Maria Hermínia Soares, interessante filha da sr.<sup>a</sup> D. Maria José Soares e do distinto engenheiro sr. Hermínio Soares, com o sr. António de Carvalho Rica, filho da sr.<sup>a</sup> D. Francisca Rica e do sr. dr. António Rica, meretíssimo juiz junto da Procuradoria da República, em Lisboa, tendo servido de madrinhas a sr.<sup>a</sup> D. Irene Lanhoso e Madame Moura Pinto, e de padrinhos, os srs. Alvaro Barreto e o dr. Alberto de Moura Pinto.

CHÁS DANÇANTES. — No passado domingo realizou-se no Grande Hotel de Itália de Monte Estoril, a inauguração dos «chás dançantes» deste inverno, que foi coroada de extraordinário êxito, vendo-se as vastas salas do Itália completamente cheias de tudo que de melhor conta a nossa sociedade elegante, prolongando-se a dança ao som do exímio sexteto «jazz-banda» Vieira Pinto até perto das oito horas da noite. Amanhã, volta, de novo, a ser o ponto de reunião da nossa aristocracia.

— Nas vastas salas da Associação Comercial do Porto, realizou-se um elegantíssimo «chá dançante» festejando a comemoração do cinquentenário da Ponte D. Maria I, o qual decorreu sempre no meio da maior animação e alegria, vendo-se aí reunidas as primeiras famílias da sociedade elegante portuense.

NASCIMENTOS. — Teve o seu bom sucesso, em Berne, a sr.<sup>a</sup> D. Herminia Cantilo de Faria, esposa do sr. dr. António de Faria e filha do ilustre ministro da Argentina na Suíça. Mãe e filho encontram-se felizmente bem.

SW

## "VOGA"

## PREÇOS DE ASSINATURA

	3 meses	6 meses	1 ano
Continente, Ilhas e Espanha	17\$00	32\$00	62\$00
Exemplares registados.....	22\$00	42\$40	82\$50
Africa Ocidental e Oriental		35\$00	68\$00
Exemplares registados.....		45\$40	88\$50
Índia, Macau e Timor.....		36\$00	70\$50
Exemplares registados.....		46\$40	90\$50
Brasil .....		36\$00	70\$50
Exemplares registados.....		56\$80	111\$50
Estrangeiro .....		40\$00	78\$50
Exemplares registados.....		60\$80	119\$50

NUMERO AVULSO Esc..... 1\$50

Dirigir pedidos às Livrarias Ailland e Bertrand, R. Garrett, 73-75.



Os bebés gostam de tomar banho; gostam quando lho sabem dar. O banho terá sempre lugar num quarto de temperatura normal e onde o ar, previamente renovado uma hora antes, seja puro na ocasião oportuna. Durante o inverno, devemos tomar os cuidados indispensáveis para evitar toda e qualquer diferença sensível de temperatura. Para ter uma certeza a esse respeito, o melhor meio é consultar os termómetros instalados, um no quarto em que dorme o bebé, o outro naquele em que estiver a banheira.

Antes de despir a criancinha, é indispensável que todos os objectos e roupas que vão servir durante e após o banho estejam ao alcance da mão e prontas para quando se tornarem precisas, pois é da máxima importância que não haja interrupção alguma durante o banho. Sobre uma mesa, perto da banheira, coloque-se todo o trem necessário, a saber: as toalhas (que previamente se terão já desdobrado); a esponja, o sabonete, o pó de talco e o termómetro. Uma cadeira baixa sem braços será convenientemente colocada ao lado da mesa, de forma a que a mão possa atingir cada objecto sem dificuldade. Sobre outra cadeira — situada a alguma distância para que a água que salpique durante o banho a não possa atingir — terão sido dispostas, já desdobradas, de forma a poderem ser arejadas — o que é muito higiénico — as roupinhas destinadas a vestir a criança de lavado após o banho concluído e o corpiño bem enxuto. Uma cesta para lançar a roupa suja e para o lençol de banho já servido — e os preparos estão feitos.

No que respeita a trem de banho do bebé, os melhores apetrechos são os de vidro com tampa: a saboneteira, a esponjeira, etc. É mais asseado. Quanto ao que deve, exactamente, ser esse trem, eis no que ele consiste: o sabonete, a caixa de pó de talco sem cheiro (é o melhor para a pele); um pouco de gaze esterilizada; alfinetes de ama de diversos tamanhos; um jarro de água que terá sido previamente fervida durante cinco minutos. Depois de concluído o banho, todo o trem será arrumado dentro dum armário, sendo todos os objectos recolhidos por uma toalha muito limpa; fecha-se o armário, e assim todo o trem conserva-se em asseio e pronto para servir no dia seguinte.

## A HORA DO BANHO

peratura do seu banho será de 38 C. Desde o segundo mês ao sexto, a boa temperatura é de 37,5.

Quando esteja na devida quentura, tome-se a criança no regaço e coloque-se uma toalha ao redor do seu corpo, em vez do cobertor. As

bem a esponja por água e lavar novamente a cabeça, o rosto e o pescoço, mas desta vez sem sabonete. Agora, o bebé está pronto para o seu verdadeiro banho. Levantai-o colocando a vossa mão direita, assim como o braço, debaixo das nádegas do bebé, enquanto que o vosso braço



Depois de lavar a cabeça do Bêbé, mele-se este na banheira, mantendo-se bem seguras as costas e a cabeça da criança

poderá ser menos breve, mas que nunca seja demorado: um banho prolongado é prejudicial à saúde.

Agora, tirai o bebé da sua banheira e envolvi o seu corpiño na toalha de banho, sobre o vosso regaço. A melhor maneira de enxugar consiste em dar, sobre todo o corpiño da criança, e com a mão por cima da toalha, uma série de palmadinhas, porque a pele mimosa da criança irritar-se-ia facilmente, caso fôsse esfregada com a toalha. Em primeiro lugar enxugai-se a cabeça e o rosto; depois os braços e as pernas, e por fim o corpo.

Ao lavarem-se os olhos, o nariz e as orelhas é necessário o maior cuidado e delicadeza, pois os bebés são extremamente sensíveis nesses órgãos ainda débeis e a menor violência poderia ter péssimas consequências. Para essa limpeza use-se a gaze esterilizada humedecida na água fervida e ainda quente. (Empregue-se, para verificação da temperatura desta, o termómetro como se fez para o banho). Ao lavar os olhos, empreguem-se pedacinhos de algodão em rama esterilizado. Quando se trate do olho direito, vire-se a criança inclinada para a direita; e o mesmo se fará para o lado esquerdo quando se lave o olho esquerdo. Usa-se desta precaução para que a água não escorra duma vista para a outra. Enxuga-se com algodão em rama seco. As gengivas também serão lavadas com algodão em rama esterilizado.

Depois de bem enxuta a criança, mas muito bem enxuta, polvilha-se-lhe as riscas dos braços, das pernas e das nádegas com pó de talco e em seguida veste-se.

Depois de vestida, dá-se-lhe de mamar e deita-se no bercinho.

É eis concluída a hora do banho.

Sempre que estas operações sejam conduzidas da forma que acabamos de explicar, o banho em vez de ser um suplicio será indubitavelmente um prazer, talvez o maior prazer da vida do Bêbé.

Não é demais acrescentar ainda que todas as vezes que temos de voltar o pequenito ou de o esfregar com a esponja, devemos proceder com a máxima leveza de mãos, porque todas as crianças são sensíveis aos gestos rudes, e é muitas vezes essa rudeza que as faz chorar e tomar ódio à tina, à esponja, ao sabonete, a



A mesa com o trem do banho



A cadeira baixa disposta ao lado da banheira



A Mãe toma a temperatura da água

Quando tudo estiver pronto, dispa-se o bebé e envolva-se o seu corpiño em um macio cobertor. Ponha o avental de borracha e deite a água

toalhas deverão ser sempre grandes e muito macias. Nesta altura verifique-se mais uma vez o termómetro para ter a certeza de que a água não arrefeceu.

Antes de pôr o bebé dentro de água, sirva-se de uma esponja macia para lhe lavar a cara com água à farta. A seguir, ensabõe-se bem a esponja e, com geito, com brandura, lave-se bem a cabecinha, o pescoço e a parte interna e externa das orelhas. Tenha-se cautela para que não entre espuma de sabão nos olhos. Passar

esquerdo ficará debaixo das costinhas dele, com o antebraço a sustentar a cabecita da criança. Sentai-o de mansinho no fundo da banheira, conservando-lhe as costas e a cabeça sempre seguras com a vossa mão esquerda, e deixando a direita livre para o lavar. Primeiramente esfregai todo o corpo com a esponja e sabonete; a seguir lave-se todo ele novamente, mas sem sabonete, só com água e esta à farta.

O banho, durante as primeiras semanas, não deve durar mais de poucos minutos; mais tarde

tudo enfim, que lhes possa lembrar um tormento.

O ideal seria, portanto, que sempre mãos



Esfrega-se o sabonete na esponja húmida até produzir espuma abundante

na banheira. A temperatura dessa água deverá ser tomada com o termómetro de banho. Para as primeiras semanas de vida do bebé, a tem-



Segura-se o Bêbé enquanto é cuidadosamente lavado. Cuida-se-lhe da delicadeza da pele



Lava-se a cabeça com a esponja ensaboada, e, em seguida, só com água

maternas tratassem dos Bêbês. As mãos das mães têm carinhos que as outras não possuem. SIBILA.



Envolve-se a criança na toalha de banho e enxuga-se



Um leve polvilhar com pó de talco, antes de vestir





## COZINHA

## ALMOÇO

Ovos fritos à genovesa  
«Fricassé» de alcachofras à italiana  
Carneiro à trasmontana

## JANTAR

Sopa Juliana à francesa  
Eirós à parisiense  
Farinheiras com grelos de nabos  
Cabrito recheado à moda de Bragança

## SOBREMESA

Torta hamburguesa

## ALMOÇO

## OVOS FRITOS À GENOVESA

Tomem-se doze ovos e batam-se bem em meio copo de água, juntando-lhes sal, queijo parmesão ralado, e um pouco de mangerona e de orégãos recortados. Em seguida deita-se numa frigideira o azeite necessário e põe-se ao lume até frigar, metem-se no azeite os ovos assim batidos e mexem-se com uma colher, por meio da qual se apanhará a porção de ovo que fôr coagulando, para a estender uniformemente. Quando toda a massa dos ovos tiver coalhado, cobre-se a frigideira com um prato grande voltado; e, segurando com uma das mãos o prato, com a outra volta-se a frigideira, para que o seu conteúdo fique todo no prato; novamente se põem os ovos na frigideira, mas de modo que a superfície que dantes tocava o fundo agora fique voltada para cima; deixam-se assim de novo frigar, agitando a frigideira horizontalmente, servindo-nos para isso do cabo, afim de que os ovos não se peguem às paredes nem ao fundo.

Se fôr preciso, repete-se uma ou mais vezes a manobra de tapar a frigideira com o prato e de voltar nêste os ovos, para novamente os frigar, até ficarem a nosso contento.

Tiram-se então da frigideira e servem-se quentes.

## FRICASSÉ DE ALCACHOFRAS À ITALIANA

Limpam-se as alcachofras, arrancando-se-lhes os pés e as folhas exteriores mais verdes e cortam-se-lhes as pontas espinhosas; em seguida parte-se cada uma, em quatro quartos ao alto, e metem-se em água, pondo-os depois a escorrer; deitam-se seguidamente numa caçarola com manteiga, salsa, um dente de alho cortado e sal quanto baste, levando a um lume brando para cozer lentamente. À parte batem-se



Para sermos felizes basta-nos  
Amor, uma cabana e o  
MAGAZINE  
BERTRAND

## : DO LAR :

## SALINHA BOUDOIR

ESTA vez a nossa gravura representa um arranjo de gabinete, boudoir, sala de leitura ou como as nossas leitoras queiram denominar aquele aposento onde passam as horas quiéti da vida, lendo, bordando ou seiscando, e para o qual se requiere muita comodidade e um luxo simples que pre-disponha a trabalhos de espirito ou de mãos a que a Arte não seja alheia.

Como as nossas leitoras vêem é simples e requintado esse cantinho de aposento.

Estofos claros de erétone ou sêda, muito conforto na largueza dos coxins, uma credencia para o clássico relógio de bronze; junto do grande divan onde apetece lêr, a pequenina mesa com o candieiro de grande «abat-jour».

Nas paredes gravuras escolhidas, havendo especial atenção para as molduras, que devem ser levíssimas, para não sobrecarregarem a leveza do conjunto, e aqui está um lindo modelo de arranjo interno que mulher nenhuma, verdadeiramente artista, desdenharia possuir, e que ficaria bem no campo ou na cidade, num palácio antigo ou numa «vila» «dernier style».

Para o conjunto dêste aposento ficar harmônico não é de rigôr sujeitar todos os móveis a determinado estilo, pelo contrário, o encanto dêste arranjo está precisamente numa escolha pouco severa do mobiliário, para evitar a rigidez e a monotonia do classicismo.

O bom-gosto da dona suprirá conselhos nossos que seriam, pelo menos, supérfluos.



duas ou mais gêmas de ovos em pouca água, com bastante sumo de limão e queijo parmesão ralado; deitam-se as gêmas de ovos na caçarola, quando as alcachofras estiverem cozidas, mas ainda ao lume, e mexe-se tudo com uma colher, sem todavia deixar levantar fervura, para que os ovos não coalem. Tiram-se do lume e servem-se.

## CARNEIRO À TRANSMONTANA

Toma-se uma perna de carneiro e, depois de se lhe tirar o bedum, esfrega-se com sal refinado e unta-se com banha de porco.

Coloca-se na assadeira, tempera-se com duas colheres sopeiras de vinho branco, igual porção de caldo de carne e uma cebola pequena cortada em rodas. Depois leva-se ao forno e unta-se freqüentes vezes com manteiga. Quando estiver assada a perna de carneiro, tira-se do forno, polvilha-se bem com pão ralado e leva-se de novo ao forno, a côrar.

Serve-se como prato frio, magnífico para almoços.

## JANTAR

## SOPA JULIANA À FRANCESA

Cortem-se em lasquinhas quantidades iguais de cenouras, cabeças de nabos e raízes de aipo e passem-se em manteiga sobre fogo brando, até alorarem um pouco; juntem-se-lhes alhos verdes cortados do mesmo modo, algumas folhas de alface e de azedas e uma colherinha de assucar pilado, acrescente-se a quantidade suficiente de bom caldo, e deixe-se ferver brandamente durante cerca de meia hora.

Pouco antes de servir junte-se-lhe uma colher sopeira de ervilhas, bem tenras, e igual porção de pontas de espargos branqueados.

Deixe-se cozer tudo e deite-se o caldo com as hortaliças sobre bocadinhos de pão torrado ou frito em manteiga.

## EIRÓS À PARISIENSE

Amanha-se e esfolam-se uma eirós, regeitando a cabeça e a ponta da cauda, e divide-se em pedaços, que se lavam e branqueiam. Depois passam-se em manteiga, alorada com um pouco de farinha, numa caçarola; acrescenta-se o molho com água e vinho branco, junta-se-lhe sal, um ramo de cheiros e cogumelos picados.

Passa-se em seguida o molho e reduz-se; liga-se depois com gema de ovos e sumo de limão, e serve-se com os bocados de eirós.

## FARINHEIRAS COM GRELOS DE NABOS

Tomam-se as farinheiras, lavam-se em água quente, enxugam-se, picam-se com um garfo e põem-se numa frigideira a assar.

Cozem-se grelos de nabos, depois de bem lavados e escaldados, numa panela com muita água temperada com sal, não tapando a vasilha para conservarem uma côr agradável; depois de cozidos, escorrem-se e servem-se numa travessa, cobertos com as farinheiras e regados com o molho que estas deixaram na frigideira.

## CABRITO RECHEADO À MODA DE BRAGANÇA

Depois de esfolado o cabrito e bem lavado, unta-se com uma massa feita com banha de porco, manteiga, pimenta, colorau e sal, deixando-o assim temperado por algumas horas e coberto com rodas de limão.

Cortam-se os miudos em pedaços muito pequenos, juntamente com batatas, ovos cozidos e salsa, e põe-se tudo a refogar em banha, pimenta e cebola picada.

Quando o refogado está pronto, juntam-se-lhe azeitonas e recheia-se o cabrito com a massa fechando-se-lhe a abertura com agulha e linha, e leva-se ao forno a assar na assadeira, em que depois se serve.

## SOBREMESA

## TORTA HAMBURGUESA

Batem-se cinco ovos com 150 gramas de assucar, durante meia hora; depois juntam-se-lhes 60 gramas de farinha de trigo e tornam a bater-se até ligar tudo bem.

Unta-se um taboleiro com manteiga e deita-se-lhe esta massa, estendendo-a por todo o taboleiro; leva-se ao forno e, depois de cozida, deita-se sobre um pano polvilhado com assucar pilado; dispõe-se sobre ela uma camada de doce de fruta e enrola-se.

Batendo-se as gêmas separadas das claras, a massa fica mais fôfa do que batendo-as juntas.



## BELEZA

## ÁGUA BALSÂMICA

## PARA FAZER DESAPARECER AS RUGAS

É uma receita secular a que o tempo não roubou a eficácia:

Lançar, em uma vasilha de água a ferver, um ou dois punhados de cevada. Assim que esta cevada tiver branqueado, deitá-la para outra porção de água e fazê-la ferver novamente, até que esta água engrosse um tanto.

Passar então a água assim obtida, por um pano fino, e acrescentar-lhe algumas gotas de Bálsamo da Méca; sacudir a garrafa demoradamente (cerca de meia hora seguida) e depois a todas as horas durante 8 ou 10 horas, até ficar bem incorporado na água o dito bálsamo, — o que é fácil de verificar, porque assim que tal suceda a água tornar-se-há levemente leitosa.

Esta água é maravilhosa para conservar a juventude e a beleza do rosto na sua máxima frescura.

Usando-a apenas uma vez ao dia, faz desaparecer as rugas e confere à cutis um viço deveras surpreendente.

## LEITE VIRGINAL EXTRA-SUPERIOR

MOER no almofariz misturando-os bem: 8 gramas de benjoim; 4 gramas de estoraque, 4 gramas de canela, uma noz mostem-nos em um litro de alcool vínico.

Acrescentem então 4 gotas de essência de âmbar.

Fechar hermeticamente a garrafa e deixá-la exposta, durante um mês, ao sol. No fim dêste tempo, filtrar esta infusão através dum paninho muito fino.

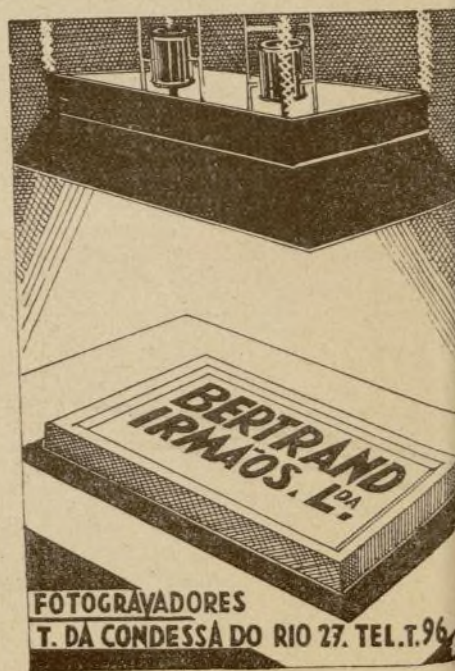
Sirvam-se então dessa água, todos os dias, nas suas abluções: uma colher das de café (e nunca mais do que isso) numa bacia de água pluvial — se fôr possível (esta água é sempre mais pura). A água torna-se leitosa e benéfica. À falta de água de chuva, sirvam-se da água dalguma nascente pura.

Verão que o efeito dêste tratamento é simplesmente maravilhoso.

## PARA MAIOR ALVURA DAS MÃOS FEMININAS

ESCOLHAM-se algumas batatas entre as mais brancas e farináceas, cosam-se, depois tire-se-lhes a pele, triturem-se num almofariz com adição gradual de um pouco de leite puro, e faça-se assim uma pasta.

Constitui-se dêste modo um preparado maní-curo, barato e superior ao que é conhecido sob a denominação de «pasta de amêndoas».



FOTOGRAVADORES  
T. DA CONDESSA DO RIO 27. TEL. T. 964

TAPETES DE BEIRIS SÃO OS PREFERIDOS PELAS PESSOAS DE BOM GOSTO — DEPOSITO RUA IVENS, 5

Ayuntamiento de Madrid



# ROUPA BRANCA

A mulher moderna é, requintadamente, elegante. Não só as suas *toilettes* são a expressão mais *chic* da Moda; as roupas destinadas a envolver o corpo feminino na alvura dos linhos, na delicadeza de tons dos nanzuques, ou na maciêsa das sêdas, tem que dizer com a elegância dos trajes vestidos. A linha da Moda faz-se inevitavelmente sentir na roupa branca: se é esguia, a silhueta da roupa será também esguia; se os vestidos se usam curtos, forçosamente serão curtos as camisas, as combinações, etc.

Há riquíssimas roupas brancas, em que a luxuosa espuma das rendas se alia ao bordado e o remata. Mas o moderno *chic* é a simplicidade repassada de bom-gosto, é a riqueza sóbria, se acaso nos é lícito expressarmos-nos por esta fórmula.

Não há muito tempo, era apenas o bordado o ornamento usado em rouparias brancas; hoje, para luxo, empregam-se as rendas, por vezes realçadas de bordado da Ilha. Para usar, prefere-se a roupa bordada a Richelieu ou à inglesa.

Estão muito em moda os plissados. Até na roupa eles se usam, de preferência na leveza do crêpe da China. Estes, assim como os nanzuques e as opálas, deverão sempre escolher-se de tons claros: rosa pálido, azul muito claro, lilás, *mauve*, cor de carne, cor de camarão, etc.

Os conjuntos de camisa-cuecas, combinação-calça, estão sendo cada vez mais empregados. Estes podem ser guarnecidos de *à-jours*, quando se preferam os abertos às rendas ou aos bordados.

Na nossa página terão as leitoras da «Voga» a documentação mais perfeita do que dizemos.

página podem as nossas queridas leitoras apreciar uma formosa *parure* de *shirting* branco bordada a Richelieu.

Outra *parure*, essa em *linon* guarnecido a fios tirados, e de quadradinhos de *filet*, também é das mais elegantes e modernas.

As camisas de noite, ou de dia, com *ensemble* de cuecas, e enfeitadas a renda e bordado a cheio estão muito em voga.

Também se usa o *linon* guarnecido a fios tirados.

Na opála, o bordado a ponto cheio combi-

nado com motivos de ponto da Ilha, é o melhor dos ornamentos. Mas esse bordado deverá ficar sempre muito leve, muito fino, e com muita frescura.

No *shirting* de boa qualidade, as aplicações de renda de Peniche mais fina, com um *picot* de renda — de Peniche também — condizente, é sempre de efeito rico. E porque não havemos nós, mulheres portuguesas, de usar as lindíssimas rendas da nossa terra? Há-as tão formosas! Os modernos piques são deveras artísticos: por isso a portuguesa elegante nunca deverá esquecer as belas aplicações de renda de Peniche para o seu luxuoso enxoval.

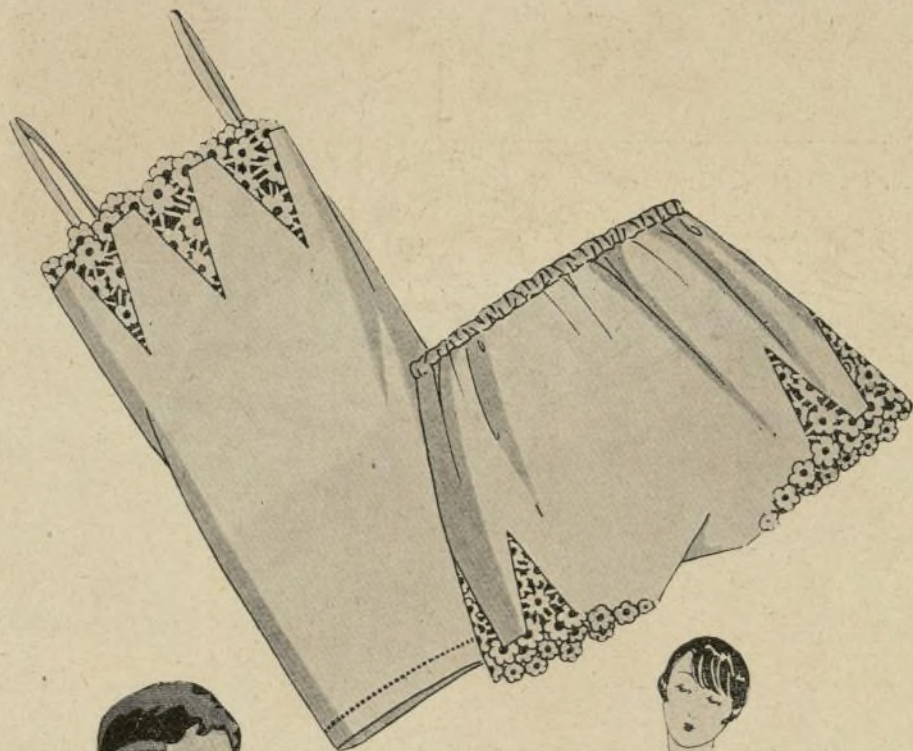
Não olvidar que os plissados ou pregueados quanto mais fininhos mais lindos são. Usam-se: nas camisas de dia, combinações, camisas de noite e calças, de ambos os lados, um pouco abaixo.

Alguns modelos de camisa de noite aparecem, porém, com as préguinhas à frente e atrás.

O moderno bom-gosto consegue maravilhas até na roupa branca!

De resto, não é tão natural que a Mulher, sendo a própria Beleza, procure sempre cercar-se de Beleza?

Nesta orientação, e para que as nossas queridas leitoras não precisem nunca ir procurar algures um modelo ou um conselho, a miude lhes ofereceremos páginas inteiramente consagradas à confecção de roupas. Com a preocupação constante de cultivar a Arte e a utilidade, dedicaremos muito da nossa atenção a todos os assuntos que se relacionem com a *toilette* feminina. Os modelos hoje apresentados são da mais recente novidade, e de ante-



Os modelos apresentados obedecem às linhas da mais requintada arte moderna, podendo nós assegurar a quem os use que veste pelo último figurino.

A escolha do tecido é também um ponto importante na confecção dum enxoval moderno. Nem todos os tecidos servem indistintamente. Para uso diário, deve dar-se a preferência ao linho fino, ou à opála, ou então ao leve nanzuque. Na roupa de luxo, porém, o crêpe da China, o *shantung*, são os tecidos mais adequados.

Este último tem a vantagem de ser lavável, sem perder as suas qualidades de sêda e maciêsa.

Entre os mais lindos tons de *shantung*, recomendamos o verde-mar muito pálido, que se



mão sabemos que serão copiados e executados por muitas das nossas leitoras.

E vem aqui a propósito acrescentar que *Voga* terá sempre o máximo prazer em responder àquelas de suas queridas assinantes que tenham qualquer dúvida a respeito de quanto se refira à *toilette* feminina ou a toda a qualidade de trabalhos de mulher. No que se prende à roupa branca — por exemplo — se acaso alguma leitora desejasse um molde especial para uma peça de seu enxoval, gostosamente *Voga* mandaria executar — com especial cuidado — o molde pedido e lho ofereceria na sua folha de bordados e moldes. É preciso que as nossas assinantes se convençam que tem em *Voga* uma amiga, uma conselheira e uma confidente.

Com grande frequência serão insertos na nossa folha de bordados motivos que se prestem para as aplicações usadas em roupa branca.

Numerosas são as bordadoras entre as nossas assinantes; numerosas as noivas que presam (e quanto nós as louvamos!) de executar por suas próprias mãos o seu enxoval de noivas. Pois *Voga* irá sempre, mais ou menos, publi-

cando novos motivos destinados a guarnecer esses formosos enxovais. Os nossos desenhos — repetimos — são sempre originais — criados especialmente para *Voga* segundo as últimas novidades parisienses.

E, como todos sabem já, *Voga* é a primeira e única revista feminina em Portugal que recebe directamente as criações da Moda em Paris.





ão ha mulher  
veramente mu-  
lher a quem  
os dictames da  
Moda não en-  
tusiassem e seduzam. E, re-  
almente, nada ha talvez  
mais atraente para o nosso



espírito feminino do que as suces-  
sivas transformações da Moda bus-  
cando sempre envolver em maior  
feminidade toda a nossa formosa-  
za de Mulheres.  
Poucas vezes teve a Moda tamanha



Caracoule gris  
Casa Vargne - M<sup>re</sup> Freres  
Visto de trás



Vestido  
M<sup>re</sup> Freres

Soirée

Modelo Lonchamps  
Foto H. Manuel

variedade na sua forma  
e feição. Poucas vezes atin-  
giu nos seus modelos tanta  
nha riqueza de expressões. Des-  
de o simples trófeu de linhas qua-  
si rectas até a estilizada toilette  
de noite, feita de arosas curvas bambo-  
leada na gracilidade das anquinhas es-  
pumante da leveza das rendas, toda a  
Moda inexgotável sobe e desce a escala dos  
seus tons, das suas silhuetas, no imenso leão.

## AFIRMA-SE A MODA DE INVERNO



Modelo Bonè Soeurs  
Foto Talmica

Saia de seda bordada à sou-  
tache crêpe  
blouse  
branco  
M<sup>re</sup> Freres  
Maison  
De  
Blanc



Après-midi crêpe geor-  
gette decotado sobre  
crêpe chine cor de rosa  
H. Manuel

Saia veludo preto. Casaco  
em chine  
beije e  
prelo  
Modelo Bernard  
M<sup>re</sup> Freres



Casa Savkova  
H. Manuel - Foto H. Manuel



Casaco caracoule gris  
Casa Vargne - M<sup>re</sup> Freres



do de suas criações.  
Este inverno em que, nos al-  
bos, as peles imperam, os vestidos  
como que para contrastar com  
a pesada riqueza das fourru-  
res - são em geral confecciona-  
dos na elegante fragilidade  
dos crêpes (Georgette, mar-  
cain, da China, etc.). Crêpes es-  
tampados (imprimés), crêpes  
de cor lisa, crêpes de mil varia-

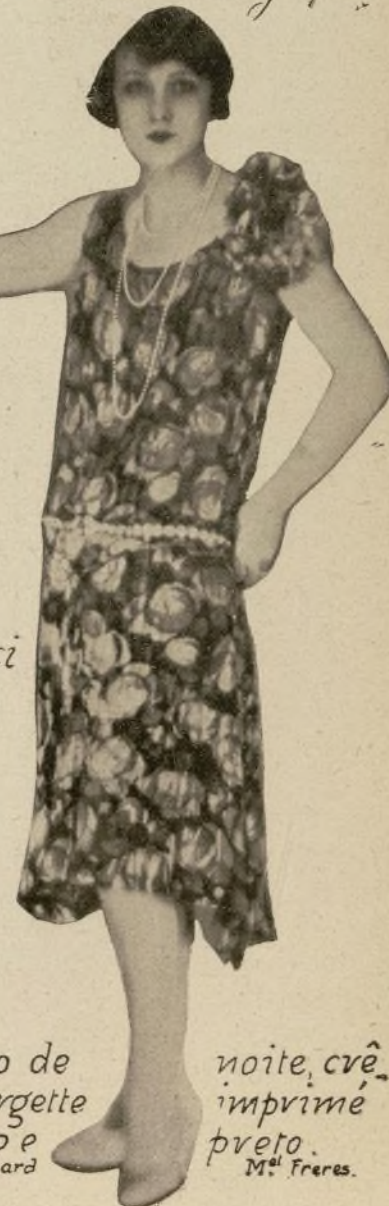
das qualidades... São esses os  
vestidos para usar debaixo dos  
casacos. Mas, a par deles, ha tam-  
bem os outros, os vestidos em tecido  
de lã - tal como a duveline que  
esta em grande voga; o veludo  
sempre o mais elegante dos te-  
cidos invernos; a sarja para



Chapeu de fita, guarneci-  
do de plumas verdes em  
dois tons.  
H. Manuel

os vestidos tailleur, cara-  
coule tanto e tanto na moda  
actual faz furor em Paris; e ou-  
tros mais que nos iremos mencio-  
nando a medida que formos apresen-  
tando os modelos.  
Tão pratica foi a ideia inaugurada  
no verão passado, a bela e elegante ideia  
dos colêtes sem mangas, que Paris lan-  
ça agora a Moda, para o inverno, dos mo-  
dos em veludo bordado.

Vestido de  
pegeorgette  
branco e  
Casa Bernard



noite, crê-  
imprimé  
preto.  
M<sup>re</sup> Freres



# ESQUECER...

CONTO INÉDITO DE CASTELO DE MORAIS

**C**ALA-TE! Cala-te!  
— Não Maria, eu quero que tu saibas como foi.  
— Não digas! Cala-te, tenho medo da verdade.

— Eu voltava com o Ruy...  
— Cala-te! Não digas! Vê como eu estou doente, poupa-me, tem dó de mim!  
— Escuta, é tão preciso que saibas a verdade!

— Já te disse que tenho medo dela, e estou doente. A verdade é para osãos, para os que podem ouvi-la... Olha, sê bom para mim, dá-me uma gota de água.

Bebeu longamente. Poitou o copo, e os olhos, rasos de choro perderam-se-lhe num ponto ignorado do vale.

Eles não fitavam os choupos em fila militar, hirtos, ladeando a vala-real. Não fitavam coisa alguma. Nem viam nem perguntavam; dormiam enroscados num pensamento triste, como se a própria dor os trouxesse ao colo.

E a tarde caía, chorosa de névoas e parda, com o ar angustioso e calmo dos momentos sem remédio.

Gemeos, o seu desconforto e a luz, casavam-se num gemo desconso para formarem uma hora triste.

Ele passeava agitado, no terraço do alpendre a contar os ladrilhos e maquinalmente a pisar-lhes os traços geométricos das juntas.

O silêncio universal tomava corpo, habitava entre eles como um gladio a separar-lhes os espíritos contrafeitos e extenuados pela união física das existências.

Em roda, num vóo mole errava o morcego do crepúsculo das almas, o Tédio, única verdade da vida, único perfume dos beijos...

Carlos parou junto dela; ia falar...  
A mão branca, num gesto supremo repetiu-lhe: Não digas!...

O abandono do gesto implorava. Ele continuou o passeio metódico, pisando agora os tijolos, de três em três, evitando as linhas de juntura.

Longe a névoa tinha velado os choupos. A purpura da vinha virgem que vestia os pilares do alpendre escurecera igualando nas folhas o tom queimado das hastes.

— Maria, recolhe-te, está húmido...  
Não ouviu. Os olhos ainda fitavam o mesmo ponto.

Na cortina branca da névoa como num «écran», eles viam, decerto desfilarem uma teoria de vultos rubros, rubros porque fugira deles o marejado das lágrimas. As visões que passavam deviam ser quentes, abrasadoras, como o vento indómito dos desertos que tudo enxuga e prende, imóveis nas orbitas largas as palpebras dos dormedórios.

Ela fitava sempre o companheiro perdido na conta automática dos ladrilhos do eirado.

Ele uma vez ou outra fitou-lhe as pupilas vagas, depois a meio da sua digressão cronométrica voltou-se bruscamente e entrou na sala. Aninhou-se num monte de almofadas e acendeu um cigarro.

A chama do fosforo deu vida por momentos aos dourados velhos das molduras, vinco as arestas metálicas dum cofre de sandalo e, morta

a luz, tudo caiu na medorra envolvente do crepúsculo.

Iam ficando mais longe, cada vez mais longe aquelas almas ímpares.

Torturou o silêncio obsediante um ranger leve.

Era ela que deixava o eirado, desperta da medorra, e que vinha também procurar um asilo mole num maple da sala.

Aconchegou-se, abandonou a cabeça no declive do respaldo e o silêncio voltou, mais pesado agora pela visinhança dos dois corpos.

Sonolento e longínquo o sino do Amparo badalou Trindades. As nove badaladas, cortadas de reticências, sublinharam o silêncio. Carlos precisando quebrá-lo, soletrou o nome dela, monórdicamente.

Ma-ri-a... E depois num andante de narrativa continuou:

— Eu tenho que dizer-te a verdade... O meu crime é muito menor do que tu pensas... Ouve: Sei que te vieram dizer que eu tinha ceado com duas bailarinas do Foz. É verdade, ceámos, o Ruy elas e eu...

Como ela nada dissesse continuou:

— Cear não é uma traição. Foi um pretexto de matar duas horas... Nenhuma das mulheres me interessava. Ceia-se com bailarinas como se bebe Sauterne com as ostras... É uma exigência de posição social, mais nada... No fim da ceia tanto pensámos na bailarina como na rolha do Sauterne... Crê, Maria, isto é assim...

— Maria não respondeu. O ritornello dos raios dava ao silêncio ondulações musicais de seára.

— Não ouviste? Não respondes?

— Ouvi...

— Tu conheces-me, sabes quem sou. Deves ter sentido, em três anos de vida, que vivemos juntos, que sou leal e que não minto... Maria, como pudeste duvidar de mim?

— Responde-me. Como pudeste igualar-me a um raptor de bailarinas?... Olha, pensa um momento no que eu tenho sido... Pensa e responde...

Maria Helena guardava um silêncio obsediante.

Ele, indeciso, andava em roda do maple a reprimir um gesto.

Esse gesto poderia ser uma brutalidade ou um beijo. Qualquer coisa que pudesse quebrar o gelo daquele mutismo renitente. Três vezes se aproximou dela e três vezes se afastou com medo de si mesmo e com medo dela.

Caír de joelhos?... E se ela lhe chamasse cobarde?

Sacudi-la? Apertar-lhe os braços fazendo-a gritar? A ausência da força moral impedia-lho.

Maria Helena percebeu-lhe a indecisão dolorosa, seguiu-o com os olhos disfarçadamente durante uns minutos e depois em voz debil chamou-o.

— Carlos...

Ele veio.

— Senta-te aqui...

Deu-lhe lugar no divan e muito pálida e muito firme disse-lhe no mesmo tom velado de sempre:

Foi por ti, pelo teu bem, para que não

sofresses muito que te pedi que não disseses nada. Ouve Carlos, ouve-me até ao fim. Eu sei que te vou fazer mal, que depois da nossa conversa talvez fiquemos outros, outros um em frente do outro e outros, nota bem, ambos, em frente da vida.

— Eu nem um minuto sequer pensei que tivesses ceado com uma bailarina. Quero dizer, nunca pensei que me trocasses, no teu coração, por outra mulher.

— Juro-te...

— Não digas nada... Ouve. Conheço bem os homens. Compreendo e desculpo as infidelidades físicas. São um produto da vossa educação livre... Nós também pecamos, e pecamos em pensamento; o que é pior, porque não corremos o risco do acto e cometemos ingloriamente a mesma traição... Não é disso portanto que se trata. Um corpo de mulher, mais um corpo de mulher na tua vida, não podia abalar a fé que te dei, inteira e perfeita, quando uni o teu destino ao meu. Entre nós não ha crime, há desgraça... É dessa que te vou falar.

— Há muito que eu pensava, explicar-me contigo, mas achava isso descabido; sem um motivo forte, a minha suspeita (depois te digo qual era) precisava duma razão para se tomar certeza e por isso eu nada te dizia...

Carlos exaltado retrucava:

— Tu falas em razões? Dize quais são, uma vês que não são as que eu penso dize tudo!

— Eu direi. Antes, meu amigo, temos de passar em revista os primeiros tempos da nossa vida. Escuta e não me interrompas. Não é ainda o minuto de sofreres... De sofreremos, se quizeres...

— Ouve Carlos, entre casados as situações irremediáveis não vem nunca das grandes infidelidades nem das cenas violentas...

— Há um mal pior, acredita, mais íntimo, mais cruel, que separa todas as vidas e desfaz o conchego de todos os lares...

— Tu não calculas como esse mal faz doer a quem primeiro o descobre... Chora-se muita lágrima, esconde-se muita amargura e por fim um gelo indiferente tolhe todos os gestos de carinho e torna difícil toda a manifestação franca de amizade. É quando nós aprendemos a perguntar-nos. «Para quê?»

— Esse «para quê» torna-se a nossa frase de todas as horas, a norma desconsoada de todos os nossos actos...

☞ ☞

## RESPIGANDO...

UMA CRUZ VERMELHA... CULINÁRIA

MUITAS das nossas amáveis leitoras estimarão, decerto, saber que possuem nas suas cozinhas um posto de pronto socorro fácil e económico.

Com efeito, o vinagre, a farinha, o sal e a soda vulgarmente usada nos pudings, são remédios que em momentos de aflição podem em parte, substituir as farmacopeias mais dispendiosas.

Assim, o vinagre puro e forte, constitui um dos melhores remédios para curar os calos mais renitentes. Para tal basta todas as manhãs e todas as noites ensopar um pouco de algodão em rama nesse vinagre e atá-lo em seguida sobre o calo que se deseja tratar.

Diluido em água morna, o vinagre forte é extremamente eficaz em casos de inflamação de garganta, quer seja gargarejado ou aspirado em inalações. Para isso basta juntar a três decilitros de água morna uma colher de

chá de vinagre, caso se deseje empregá-lo em gargarejos ou uma colher das de sopa na mesma quantidade de água quando se deseje usá-lo em inalações.

A farinha de trigo é um dos auxiliares mais poderosos para evitar as dores resultantes das queimaduras mais fortes.

Na falta de linhaça, uma cataplasma de sal aquecido no forno de um fogão constitui um dos remédios mais fáceis de obter.

Uma colher de chá de sal fino dissolvido num decilitro de água morna substitui, com eficácia, os lanchantes mais famosos.

Igualmente com o auxílio de um aparato completamente novo e previamente desinfectado numa chama, é sempre bastante fácil remover qualquer lasca de madeira ou espinho cravado dolorosamente. Basta para isso fazer pressão sobre os dois bicos do aparato, afrouxando em seguida a pressão a fim de permitir que o espinho possa ser preso entre as duas laminas e assim facilmente extraído.

— Porque dizes «hoje»? Não tenho sido para ti um marido dedicado?

— Tens, no sentido que todas somos obrigadas a dar à palavra dedicação... Carlos, é melhor eu não falar porque tu vais sofrer.

— A consciência não me acusa, dize, portanto, o que quizeres...

— Então, ouve. Sabes porque me vês triste? Sabes porque me fugiu a alegria dos olhos e o riso da boca?

— Calculo... Disseram que eu tinha passado uma noite de rapaz com as espanholas do Foz...

— Não foi. Eu não o sabia. Soube-o por ti.

— Mas se o não soubeste, se não é esse o motivo da tua tristeza, que mais pode haver entre nós que nos separe?

— Repito, Carlos, eu não queria fazer-te mal, mas, se eu disser porque estou triste, tu sofres. Sofres porque na tua alma houve sempre o culto de todas as elegâncias e uma pequena «gaffe» pode fazer-te pena, mais pena do que uma desgraça.

— Mas então qual foi o meu crime?

— Não foi um crime, foi um esquecimento...

Vê se te lembras...

Carlos pensa, procura encontrar uma ideia; não encontra.

Haria Helena chora.

— Não te lembras?... Quantos são hoje?

— Ah!... E eu que não me lembrei... Maria, eu que não me lembrei do dia do nosso casamento! Eu que me esqueci!...

☞ ☞

## MODELOS DE CASACOS



Ayuntamiento de Madrid





Dá ás crianças uma saúde de ferro  
Alimento energético por excelência para  
novos e velhos

A venda nas farmacias, drogarias, confeitarias,  
mercearias e leitarias

Representantes exclusivos:

MANTUA, L.<sup>DA</sup>

29, Calçada S. Francisco, 37 — LISBOA



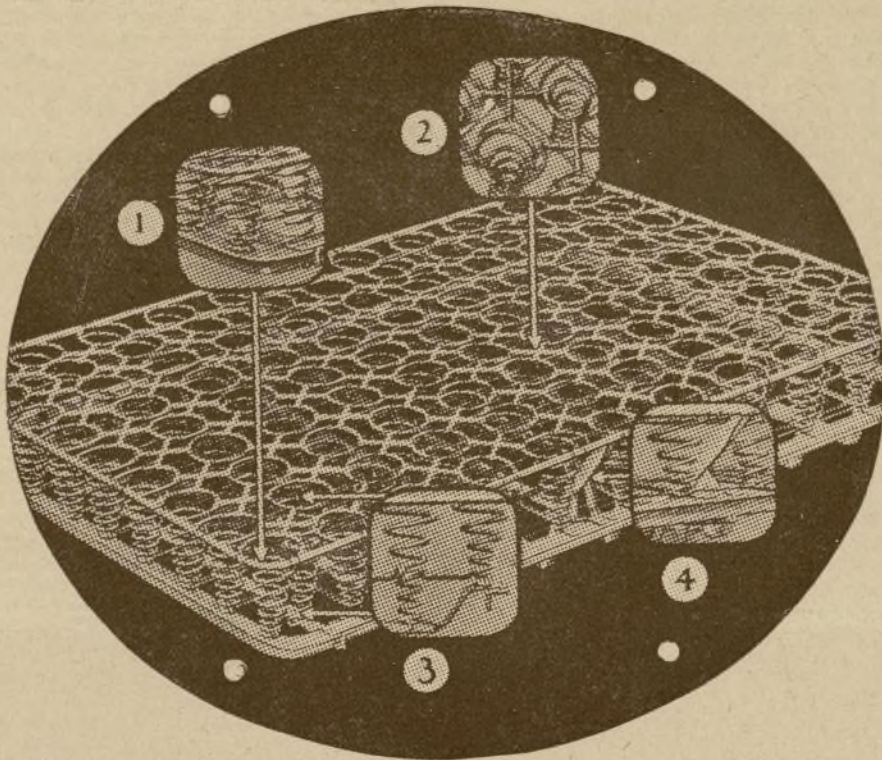
TÁTÁ  
CHAPELIER EN VOGUE

632  
CENTRAL  
TELEFONE

VISADO PELA COMISSÃO  
DE CENSURA

V. Ex.<sup>a</sup> deseja dormir bem?  
Compre um colchão de molas

"SIMMONS"



4 VANTAGENS DO COLCHÃO DE MOLAS «ÁS» :

1.<sup>a</sup> — Cantos redondos, adaptáveis a tôdas as camas, não se prendendo à  
roupa, lençois, etc. 2.<sup>a</sup> — Centenas de molas pequenas entrelaçadas, con-  
trabalhando o movimento das molas espirais. Fabrico exclusivo SIMMONS  
para dar todo o conforto. 3.<sup>a</sup> — 99 molas espirais do melhor aço temperado,  
tendo cada 20 c/m de altura, dando enorme flexibilidade. 4.<sup>a</sup> — Estabili-  
zadores, patenteados por SIMMONS, actuando como os amortizadores de  
molas dos automóveis, evitando que resvale e se desconjunte.

OS COLCHÕES DE MOLAS «SIMMONS» SÃO OS MAIS CONFORTÁVEIS  
HIGIÉNICOS, FLEXÍVEIS E RESISTENTES  
GRANDE STOCK DE PAPEIS PINTADOS — ESPECIALIDADE EM MOVEIS  
ESTOFADOS GÊNERO «MAPLE»

Agradecemos a fineza da visita de V. Ex.<sup>a</sup>  
Em exposição na Casa AGUIAR

Rua do Carmo, 17 a 19 — LISBOA  
— — — Telefone Central 2791 — — —

LIÇÕES DE BORDADOS  
Em curso ou particular  
POR BORDADORA BEM HABILITADA  
Rua da Bempostinha, 40, 1.<sup>o</sup>

ATELIER "ELITE"  
VESTIDOS E CONFEÇÕES  
Executa quaisquer modelos com perfeição  
e elegância — Preços módicos  
RUA JOSÉ FALCÃO, 29, rez-do-chão — LISBOA

PILAR MATA ROBES ET MANTEAUX  
53, Avenida

GOLDEN PALACE

Proprietário: JOSÉ J. DE ARAÚJO

P. DOS RESTAURADORES, 11, s/l. — Tel. N. 3115

O mais chic e bem frequentado

CABELEIREIRO DE SENHORAS

Encontram-se trabalhando neste estabelecimento  
os habéis profissionais, Julio Rodrigues, Agostinho  
d'Almeida, Fernando Fernandez, D. Carolina Coe-  
lho, Madame Vasques, D. Deolinda Frago e o  
pedicure Nunes de Carvalho.

Côrte 5000 Ondulação 7050  
Lavagem 5000 Declarações 7050  
Aplicações Henné desde 30000

V. Ex.<sup>a</sup> deve  
beber o delicioso

"ORANGE-CRUSH"



EM GARRAFAS ORIGINAIS

Um refresco de paladar e gosto  
agradável que se pôde tomar  
todo o ano

350 milhões de garrafas  
vendidas na America em 1926

3 qualidades:

LARANJA, LIMA OU LIMÃO

EXTRAÍDO DO PROPRIO  
FRUCTO

NÃO É QUÍMICO:

Um refresco de confiança

Recomendado por sanidades médicas de-  
vido a conter Vitaminas. Bebida ideal  
para Senhoras e Crianças

Pedidos ao: Telefone Norte 1898

DEPOSITO:

Rua Pinheiro Chagas, 34  
LISBOA, NORTE

A' venda nas principais Pastelarias  
e Leitarias

DA CASA VERGNE





## AS SENHORAS

Cultura da estética do BUSTO por processos científicos de reconhecido êxito  
DESENVOLVIMENTO, E. URECIMENTO,  
REDUÇÃO E EMBELEZAMENTO DOS SEIOS  
Dissolução lenta e progressiva do tecido adiposo (GORDURAS) e desaparecimento por completo da elevação do ventre  
Centenares de Senhoras se confessam satisfeitas em face dos resultados obtidos  
Informações para a província a quem mandar serão de um escudo para resposta em carta registada ao  
LABORATORIO ORCEL  
Rua Barata Salgueiro, 31, 3.º—LISBOA

## EDUCAÇÃO FÍSICA DA MULHER

SABEMOS que em Portugal muito se vai fazer em prol da educação desportiva da mulher. Houve quem pensasse na deficiência da cultura física em Portugal e que se não limitasse a pensar. Que agisse e de forma a que o desporto feminino pudesse ser praticado não só pelas mulheres, a quem a fortuna empresta os seus bens mas também por aquelas que vão buscar à vida quotidiana dum emprego os meios indispensáveis à vida.

Brevemente daremos às leitoras da *Voga* uma notícia circunstanciada do que será essa obra benemérita. A sua autora não se negará a fornecer os pormenores, pois muito já devemos à sua gentileza e sabemos que Ela, com o entusiasmo dum apóstolo, põs mãos à obra e apesar das mil dificuldades do meio, triunfará plenamente.

Para que se faça uma ideia, embora muito imperfeita, do que será essa obra educativa, diremos apenas que o preço das cotas a pagar pelas pessoas ricas será regulado de forma a cada uma dessas privilegiadas poder garantir a entrada gratuita no grupo desportivo, a duas senhoras, cujos meios de fortuna não permitam dispêndios exagerados.

Num dos nossos próximos números esperamos ter a honra de dar em nossas colunas a palavra a essa Senhora que, não sendo portuguesa, com tanto carinho pensa levar a cabo uma obra tão simpática em prol de portuguesas.

Há muito que fazer, há muito a realizar no campo da educação desportiva das nossas mulheres. Pedimos às nossas leitoras um olhar minucioso para a gravura que acompanha este artigo. É uma sessão de educação física num país que sabe compreender essa necessidade da educação moderna da mulher.

A simples observação das fotografadas indica bem que a saúde é o prémio dessas pequenas tarefas do domingo e que se pode ser empregada, dactilógrafa, aluna de liceus ou universidades e ter a aparência robusta e sadia dos que vivem no campo.

O que não faz sentido é envenenar os pulmões numa escola, num escritório ou numa oficina e não ir uma vez por semana retemperá-los, tratá-los, dilatá-los de forma a criar novas energias e novas qualidades de resistência para a luta quotidiana, hoje tão depauperante para a mulher que trabalha.

## DEMÉTRIA CASTRO PEREIRA

## ROBES ET MANTEAUX

Chegada há pouco de Paris onde foi adquirir as últimas novidades nas principais casas Mostra a sua colecção de modelos de inverno.

Avenida da Liberdade—Entrada, Largo da Anunciada, 9, 2.º—Telefone N. 317

## SPORTS

## SPORT A AMERICANA

Os americanos entendem o sport de uma maneira muito original.

George Souders é um joven estudante, que todo o tempo que os seus estudos lhe deixam livre, consagra às corridas de automóveis.

É habilíssimo, notavelmente dextro neste sport. Há pouco tempo, farto de recursos para continuar os estudos, aproveita a sua destreza em automobilismo, para tomar parte na famosa corrida de 500 milhas, e ante competidores veteranos e experimentados, George Sanders consegue obter um triunfo, e com ele, os dollars indispensáveis para terminar a carreira... não de automóveis, mas sim aquela que deverá ser a base da sua vida.

## O SPORT E O HUMORISMO

MADAME Ivy Gill, dactilógrafa em Sheffield, às nove horas da manhã, toma um barco e se propõe a fazer a travessia da Mancha. Várias dactilógrafas pretendem imitar o gesto de Madame Ivy Gill.

Um jornal humorístico inglês, numa feliz caricatura, solta este grito de alarme:

— Meu Deus! Mas onde estão as nossas dactilógrafas?

— Vão a caminho de França, em maillots de natação...



## AUTOMOBILISMO FEMININO

PARA se fazer uma ideia do desenvolvimento que atingiu lá fora o sport feminino, bastaria salientar este facto: O interesse da mulher pelo automobilismo é tão grande que justifica a necessidade de uma revista da especialidade, a «Revue de l'Automobile Club Féminin».

Onde o interesse feminino pelo automóvel resultou mais visível foi no último Salon de Automobiles realizado ultimamente em Paris. O elemento feminino fez-se representar numa concorrência surpreendente. Era curioso ouvir os seus comentários, as suas elegantes e apaixonadas discussões, pondo à prova uma admirável competência na avaliação dos méritos de cada veículo.

A elegância de muitas marcas de automóveis, o conforto, a perfeição, a comodidade do funcionamento prático e simples dos seus maquinismos, deu assunto aos reparos judiciosos e ao bom gosto das visitantes das últimas exposições do Salon de l'Auto.

É apoiada nesta observação que a «Revue de l'Automobile Club» acaba de abrir um curioso inquérito, dedicado às senhoras. O inquérito apresenta à competência e elegância feminina as seguintes questões:

1.ª—Quais são os critérios que as senhoras teem a fazer sobre o automóvel actual?

2.ª—Quais são os aperfeiçoamentos da mecânica ou da carroserie que julga convenientes?

3.ª—Quais são, numa palavra, as condições que deve reunir para uma mulher um automóvel?

# O HOMEM Claude Farrère

## QUE ASSASSINOU

TRAD. DO DR. ALBERTINO DA SILVA.

(Continuação)

ATRAS não sei de que biombo, recomeça o tumulto. Através da sebe de fénix, a menina Caliope vê o que é.

— Oh perdão! o emir Chekib sai, tenho que despedir-me...

Acorre. Eu que não conheço o emir Chekib, afasto-me para a vidraça. Pelos intervalos das cortinas de linho, vejo um trecho de rua, uma parede, um jardim...

Já está de volta a minha jóven de braços deleitosos. Torna a sentar-se, e a pôr a mão no meu joelho. Eu acabo o gesto, e recomeço o colóquio onde o tínhamos deixado, um pouco mais acima do sangradouro. Ela não resiste, e suspira.

— Menina Caliope...

— Não, não sou Caliope... Cristina. Caliope é minha irmã, que anda agora aqui estava...

Com a bréca! Isto é muito mais divertido do que eu julgava!

VIII

30 de Agosto.

Começam a pagar-me as visitas de chegada. Todos os dias, das cinco às sete, é um desfile internacional por baixo da pequena ogiva de ébano esculpado que liga as minhas duas salas. Recebo na mais pequena, e para lá chegar é preciso atravessar a outra. Adidos, secretários, conselheiros e ministros, pessoal da D. vida, do Banco, da Régie, e financeiros nababos de todas as raças, — corvos, não, abutres de todas as envergaduras, — veem fazer-me sa-luam. O meu criado croata, agalado de ouro

consoante a moda, serve-lhes com sumptuosidade um café turco, pior que o que se toma por dez paras, — um centimo — nos «cafedjis» das aldeias do Bósforo.

Afinal, cada visita me traz uma nova desilusão... De facto, estou inteiramente logrado. E a minha decepção tem o seu tanto de cómica. Eis o que é: estou na capital de um país posto em partilha regulamentada, de um país tosquado, raspado até ao osso, espremido e cortado em pedaços. E vivo bem no meio da tribu dos exploradores — explorador eu próprio, como funcionário europeu que sou. Supunha, por isso, ingenuamente, que estes homens de bico e garras diferissem em alguns pontos dos meus conhecidos parisienses... Oh! não esperava, decerto, atitudes ou traços de corsário. Modernamente, do cabo Norte ao cabo Horn, o shomens, sejam eles Patagônios, Latinos ou Escandinavos, desde que tenham a bolsa cheia, vestem à noite fracks idênticos e beijam idênticamente a mão das mulheres. Mas julgava eu que, debaixo da casaca e do plastrão com pérolas, veria transparecer algum estigma da terrível profissão de toda esta gente, enviada pela Europa para vampirizar o sangue turco... Que diabo, a ponta dos tentáculos devia aparecer de fora!

Ora nada disto sucede. Pelo contrário. Os meus visitantes, pessoal das finanças, carrascos da Turquia, — pessoal de embaixada, cães de guarda do pessoal das finanças, — são uniformemente gentis, bem educados, e até de boa linhagem. Alguns teem espírito, outros inteligência, todos cultura. As suas mulheres são

amáveis e, às vezes, honestas. Numa palavra, os meus abutres de garras e bico adunco são simpáticos dos pés à cabeça, e fazem figura de homens dignos, delicados mesmo, neste século de grosseria universal.

Eis a minha pouca sorte! Em vez de piratas, venho encontrar pessoas de sociedade, sem um vislumbre de pitoresco. É de arreliar! E em Constantinopla, — Stambul, água-forte, e o Bósforo, pastel — e entre a turba multicolor que borbulha sobre a grande ponte, esta miscelânea de quinze raças estrambóticas e de vinte religiões fanáticas, — é uma mancha, uma mancha pálida.

Exceptis exceptionibus, como dizia o casuista confessor da minha bisavó...

IX

Domingo, 4 de Setembro.

Palavra de honra! exceto as excepções. Devo uma reparação ao corpo diplomático e financeiro. O par que sai agora de minha casa põe talvez uma mancha no cenário oriental, mas é uma mancha brilhante, como a fariam dois retratos da escola veneziana no meio de uma tapeçaria, ainda que fôsse de seda. Quando eu disse «par», não quis significar um casal, — prob pudor! Mas acabo de consultar o meu dicionário, onde vejo que a palavra «par» pode associar à ideia do número dois a de uma afeição recíproca ou de uma comunidade de acção. Ora, parece-me que é este o caso. Então, o par — dois homens — bateu há pouco à minha porta, quando eu, fiado na trégua mundana do domingo, estava mergulhado na leitura de *Bajazel*, tragédia turca de Racine. Chegava à minha passagem preferida,

*Ne désespérez point une amante en furie, S'il m'échappait un mot, c'est fait de votre vie!*

quando o meu croata agalado de ouro interpôs a bandeja dos bilhetes de visita entre mim e Racine. Li:

Sir Archibald W. Falkland  
Director inglês da Dívida Otomana

Príncipe Estanislau Cernuwez  
Segundo secretário da embaixada da Rússia

Os dois bilhetes gravados em caracteres idênticos, sobre dos idênticos pergaminhos. (É moda, aqui, o pergaminho para bilhetes de visita).

Estranhei um pouco: a Inglaterra e a Rússia não são tão grandes amigas, sobretudo nas terras do Levante, que os seus principais funcionários costumem associar-se, aos pares, nas visitas de cerimónia. Mas afinal, nada tinha eu com isso.

Mandei entrar. O primeiro a avançar foi o inglês. Vi-o caminhar para mim, do fundo da minha sala grande, e parecem-me que vinha só. Debaixo da minha ogiva de ébano, teve de abaixar-se: este homem é um gigante, — mas tão bem proporcionado e equilibrado, que a princípio não se dá pela sua estatura: é preciso um termo de comparação, — uma porta ou um tecto baixo. Parou a quatro passos de mim, saudou-me cerimoniosamente e disse o seu nome. Depois, dando um passo ao lado, deixou ver o seu companheiro, até aí rigorosamente invisível atrás dele. E eu fiquei de tal forma pasmado com esta aparição quase fantástica, que o príncipe Cernuwez me saudou e proferiu o seu nome antes de ter voltado a mim, daquela estupefação.

Não me escapou, todavia, desde este momento, o traço essencial que caracteriza esta personalidade tão hábil em escamotear-se: a sua flexibilidade física e moral, uma flexibilidade de palhaço elástico. Insinuára-se por detrás do outro, — o colosso que não passa debaixo dos pórticos, — mais silencioso que um traidor de melodrama: só o vi quando ele muito bem quis deixar-se ver. E sem transição alguma, os seus cumprimentos, a sua apresentação, foram exactamente iguais aos cumprimentos e a apresentação do inglês: o mesmo movimento de cabeça brusco e rígido, o mesmo sotaque britânico, acentuado a espaços. Para este Slavo de espinha de gato, devia representar um grande esforço o decalque assim minucioso daquele Saxão de arcabouço de ferro!

Indiquei-lhes cadeiras. Sentaram-se, e logo se desculparam da negligência do traje.

(Continúa).



## CABELEIREIRO

### DE SENHORAS

CORTES de cab lo pelos ultimos figurinos a senhoras e crianças.  
ONDULAÇÃO MARCEL, Decorações, PIN-  
TURAS em todos os generos, por pessoal habi-  
litado sob a direcção de ALEXANDRE PERES-  
TRELO, no

Salão Elegante das Avenidas — Telefone  
Norte  
49-A, Avenida da Republica, 49-C 5689

## GRAFOLOGIA

DEVIDO a uma imprevista troca de graneis tipográficos, não foram publicados no último número da *Voga* os resultados das consultas n.ºs 37 a 58, apresentadas neste número o que muito lamentamos confiadas em que a amabilidade das nossas ex.ªs clientes certamente desculparão este lapso.

N.º 37 — *Bola de Elástico* — Ponderação e egoismo dissimulado. Afabilidade natural, verbosidade e boa disposição.

Altivez inconsciente, vontade decidida e sensibilidade inconstante.

N.º 38 — *Arupa* — Já nos conhecemos! Verifico assim, que «Moreninha» (análise n.º 126 do *Magazine Bertrand* de Setembro último) desde Julho até agora apresenta-se menos agitada sabendo melhor dominar os seus nervos.

N.º 39 — *Oding* — Confirmando em absoluto o que respondi no número 125 de Setembro do *Magazine Bertrand*, sob o pseudónimo de «Roda Bicuda». A sua afectividade aumentou desde então. Desejaria ser mais extensa mas a falta de espaço não me permite.

N.º 40 — *Americana* — V. F. X. — Actualmente (1927), frieza aparente ainda que dissimulada por uma amabilidade convencional. Sensibilidade exaltada, constante e susceptível o que bastante concorre para uma certa irritabilidade que antigamente não possuía.

N.º 41 — *Maria Helena* — Energia conduzindo até uma certa dureza de coração. Imaginação por vezes desordenada. Tendência para o exagero.

N.º 42 — *Bioca* — Alcácer do Sal. — Economia cautelosa. Ponderação e egoismo sem combatividade.

Bondade natural e sinceridade.

N.º 43 — *Uma que ama a Covilhã* — Afectividade, emoção e idealismo. Método, boa disposição natural e alegria. Energia e combatividade.

N.º 44 — *Paris* — Mobilidade de impressão. Carácter impressionável, imaginação exaltada e indomável.

N.º 45 — *Alfubarrola* — Espírito analítico e minucioso. Ausência de sentimentalismo. Moderação e actividade intelectual.

N.º 46 — *Zimbório* — Fôrça de vontade, domínio de si própria. Mental dominando o emocional. Ponderação e originalidade discreta.

N.º 47 — *Gorducha* — Hábitos de leitura. Bondosa e metódica. Discreta e sabendo-se valorizar intelectual e, fisicamente.

N.º 48 — *Irenita Alegre* — Temperamento audaz e irrequieto. Reacção contra um estado de

pressivo. Clareza de pensamentos e imaginação desregrada.

N.º 49 — *Esperança* — Tristeza mal reprimida, fadiga ou falta de confiança própria. Afectividade, emoção sem artifício. Simplicidade e franqueza.

N.º 50 — *Cravo Negro* — Intellectualidade activa e fecunda. Precipitação e fadiga mental. Exaltação e sensibilidade.

N.º 51 — *Fé* — Frieza calma e suave. Inteligência, cultura de espírito e energia. Orgulho inofensivo e exaltado.

N.º 52 — *Ordepesoja* — Simplicidade e maleabilidade de sentimentos. Espírito um pouco irreflectido. Natureza volúvel e caprichosa mas incapaz de uma atitude menos digna.

N.º 53 — *Cipreste* — Indecisão e sensibilidade. Imperfectibilidade e falta de método. Vontade audaz e decidida.

N.º 54 — *Vintetresdemaio* — M. do C. — Prodigalidade emocional e material. Temperamento exigente e indomável manifestando-se violentamente. Desconfiança e nervosismo.

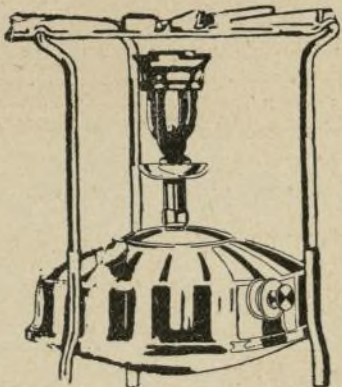
N.º 55 — *Vintetresdemaio* — Ele. — Energia, actividade natural e sequência de ideias. Precipitação e vivacidade por vezes colérica. Depressão causada por excessos facilmente inevitáveis.

N.º 56 — *Flor del Mal* — Boa disposição física e moral. Doçura de carácter e energia. Intuição e concepção pronta.



# Beba Agua Fervida!

A mamã só me deixa beber  
agua fervida, por causa  
do tifo. Nunca sabe a  
fumo, porque ela  
a ferve num



## FOGÃO VACUUM



## Vacuum Oil Company

Rocio, 67 Telef. N. 3075 e nas suas Agencias

N.º 57 — *Valverde* — Temperamento impulsivo e violento. Desordem mental provocada por uma imaginação exaltada e ardente. Falta de domínio pessoal e vontade própria, desconhecendo-se a si e às pessoas que a rodeiam. Irritabilidade extremamente perigosa e que é absolutamente necessário reprimir gradualmente.

N.º 58 — *Alcácer-Quibir* — A sua personalidade ainda não está perfeitamente definida. Presentemente acusa afectividade, emoção irreflectida e irremediável. Irritabilidade fácil e precipitação prejudicial.

Emendada a troca segue n.º 76:

N.º 76 — *Anioutta* — Equilíbrio de faculdades, inteligência sem viveza tentando manifestar-se numa loquacidade que por vezes lhe é prejudicial.

Egoismo definido e aliado ao rejeito de agra-  
dar.  
Clareza, minúcia e dissimulação.

N.º 77 — *Nilo* — Perfectibilidade, análise, minúcia, economia e discreção.  
Vontade activa e inquebrantável.  
Intellectualidade e sentimento do seu valor pessoal.

N.º 78 — *Noite de Luar* — O seu maior defeito é a falta de ponderação e de calma nas decisões precipitadas que já tanto a devem ter prejudicado na sua existência.

A impressionabilidade acusada pelos seus traços não é todavia permanente e por isso consegue dissimulá-la quando lhe convém.

N.º 79 — *Gioconda* — Sensibilidade irreprimível a que não é estranho um grande nervosismo a custo reprimido.

Vontade maleável e facilmente dominada por uma afectividade mais forte.  
Bondade, lealdade e franqueza.

Para uma descrição mais desenvolvida e minuciosa dos seus característicos grafológicos podem todas as ex.ªs consulentes da *Voga*, reendereçarem estas mesmas consultas para o *Magazine Bertrand* mediante as condições indicadas na secção grafológica dessa revista mensal (2\$50 por cada consulta) e a indicação do número e pseudónimo sob que foi dada a resposta na *Voga*.

O verdadeiro nome ou a morada da cliente só é necessário caso se deseje a devolução do documento enviado para análise junto a um envelope devidamente estampilhado.

Todas as consultas dirigidas à *Voga*, deverão ser acompanhadas da importância de um escudo e endereçadas a

MADAME DE MEMPHIS

GRAFOLOGIA — «VOGA»

Rua Anchieta

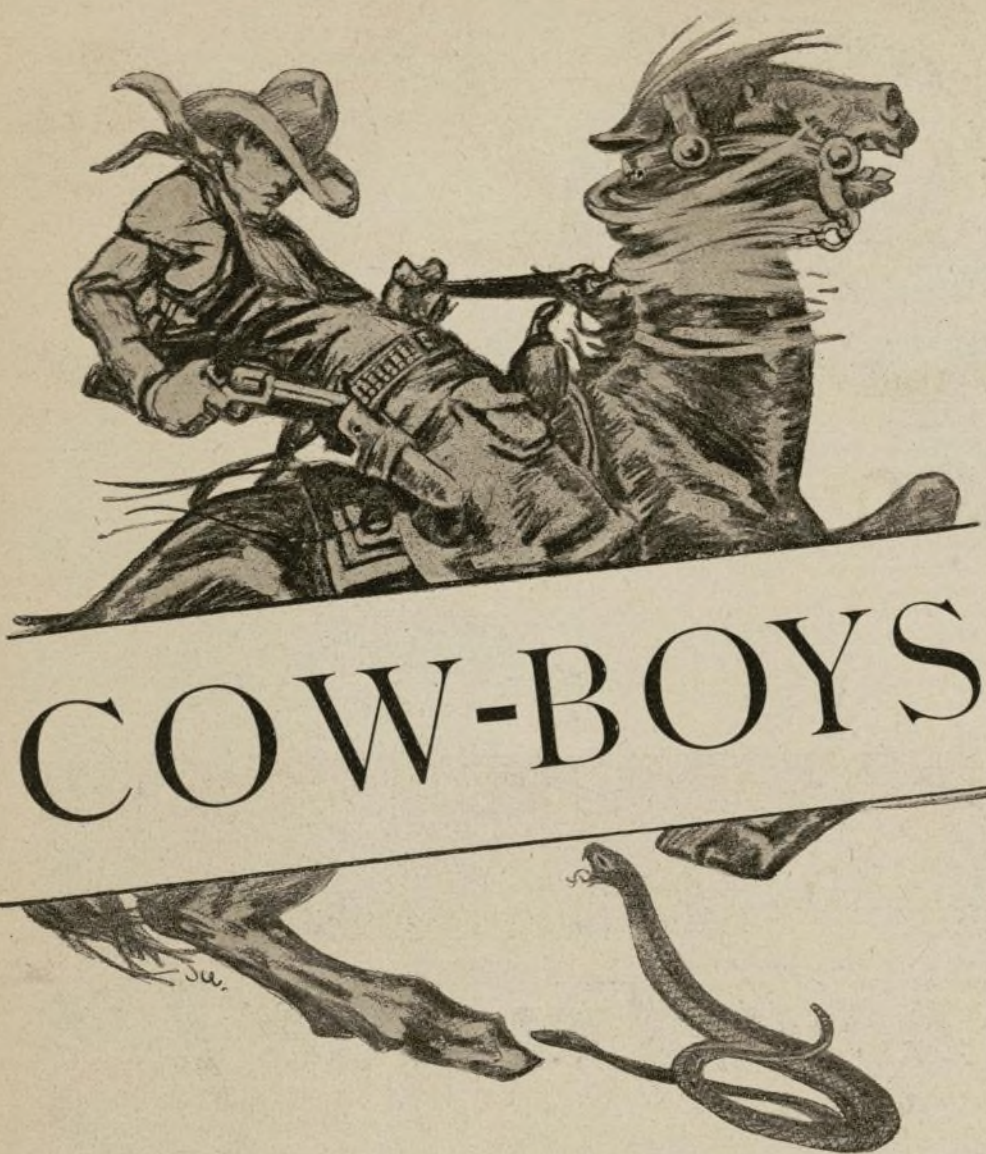
Lisboa

Só serão enviados pelo correio os resultados das consultas endereçadas ao *Magazine Bertrand* nas condições indicadas na secção grafológica dessa revista.

MADAME DE MEMPHIS.

**BERTRAND**  
**IRMAOS, L<sup>DA</sup>**  
**FOTOGRAVADORES**  
**TELEFONE TRINDADE**  
**96**  
**T. DA CONDESSA DO RIO 27**  
**L I S B O A**





## COW-BOYS

A primeira figura típica do cinema americano foi o «Cow-boy», o vaqueiro, o herói das pradarias em lutas constantes com índios de penas na cabeça e cavalos desganhados e rápidos como o vendaval desencadeado.

Nos primeiros tempos do cinema não havia filme americano que não exhibisse aos nossos olhos duas cenas fatais, inevitáveis; numa delas, um préstito de carros cobertos de lona atravessava um extenso deserto e era atacado por uma tribo de peles-vermelhas, que galopavam desenfreadamente, descrevendo um grande círculo em torno dos atacados e massacrando a tiro os valentes pioneiros da civilização norte-americana; noutra cena, uma fila de belos e sólidos rapagões, montados em cavalos nervudos e vestindo sações de pele de cabra, correm, doidamente, abnegadamente, a salvar os atacados pelos índios, entre os quais, pela força da necessidade comercial do argumento, estava, em geral, a noiva dum dos vaqueiros.

Os públicos de todos os países, nesse tempo vassallos do cinema de aventuras, por não existir outro, admirava ingenuamente estas proezas ingênuas. Depois, o público fartou-se do mesmo manjar e abandonou os programas deste género. Logicamente, os produtores desistiram dos filmes que pitorescamente eram crismados de «Cavalos a correr e meninas a aprender...» e voltaram-se para as produções propriamente policiais, com roubos fantásticos de metades de moedas com hieróglifos famosos, chaves criptográficas de tesouros enterrados e um jovem imberbe aos sócos a duas dúzias de meliantes, para arrancar a heroína loira ao «relógio da morte» ou à «explosão das 2 e 3 segundos e meio». E o cinema seguiu a sua triunfante rota até monopolizar quasi o público, desgraçando o teatro, quasi o aniquilando e mostrando-se capaz de alcançar a suma perfeição artística e técnica. Os seus meios de realização ampliaram-se, a técnica da montagem cresceu em importância, a procura artística tornou-se quasi excessiva, e, de repente, reconheceu-se que, em breve, faltariam os assuntos cinematográficos, exgotados violentamente pela sucção verdadeira que os estúdios exercem sobre a imaginação de todos os escritores, de todos os países.

Foi Carl Laemmle, o «pai do cinema», o grande criador da «Universal», que delibe-

rou então ressuscitar o género filmes de «cow-boys», de dispêndio reduzido, quasi completamente filmados ao ar livre e com comparsarias das regiões em que se filma. O público, novamente aceitou com júbilo essas produções alegres, frescas, saudáveis, despretenciosas, emotivas sem serem doentias, variadas e pitorescas, e começou de eleger, entre os artistas que se consagraram a esse género, os seus favoritos.

Foi o primeiro deles um comediante genial, hoje retirado, William S. Hart, que o mundo inteiro nunca aplaudiu bastante, por muito que o aplaudisse, e que se tornou popular sob o nome de «Rio Jim». Depois, mais outros artistas que actualmente se não topam nos elencos das grandes casas, Harry Carey, conhecido por «Cayena», e Will Roger, que, há anos, ainda interpretava deliciosas comédias de interior para a Goldwin.

Depois, logicamente, apareceu a camada nova, da qual se destacaram desde logo, três grandes nomes favoritos: Tom Mix, Buck Jones e Hoot Gibson. Três pessoas distintas, mas prodígios de igual jaez. São, efectivamente, três grandes cavaleiros, três grandes domadores de cavalos selváticos do oeste americano e três artistas apreciáveis, especialmente o último, um galã de comédia do melhor que o cinema nos tem apresentado.

Tom Mix, que possui um lindo cavalo, Tony, que os países latinos conhecem por Malacara, tem uma soberba máscara de centro dramático, hermética de expressão serena, um pouco dura mas, por vezes, comovedora, embora muitos dos seus admiradores prefiram as cenas dos seus filmes em que representa... o prodigioso cavalo. Porque, afinal, uma parte da glória dos actores-vaqueiros, está nas suas soberbas montadas.

Além do cavalo favorito, do cavalo «Star», que representa como gente, tem cada um destes artistas uma verdadeira colecção de montadas, cães e outros animais amestrados que com eles compartilham da glória e dos proventos. Tom Mix, Buck Jones e Hoot Gibson tem mesmo, processos curiosos de trabalho. Não vivem dentro dos estúdios nem nos bairros elegantíssimos da fina flor dos artistas do écran. A pesar dos honorários fabulosos que lhes permitiriam o maior dos faustos e a mais opulenta das vidas luxuosas, vivem em moradias rústicas, grandes ranchos onde tem o seu pessoal,

os seus animais, os seus apetrechos e onde filmam as cenas tôdas das suas películas, que assim resultam absolutamente verdadeiras e fieis no ambiente. Também a vida que levam, rústica, cheia de espontaneidade e de saúde, lhes permite conservarem o tipo necessário do vaqueiro tradicional, alegre, bom rapaz, valente como as armas, temerário e um nadinha romântico, pronto a vender cara a vida num «bar» fumarento ou a galgar, num galope doido, léguas e léguas, para trocar dōze tiros com um rival patife ou salvar a noiva ideal dum perigo imaginário.

A foto que hoje publicamos é de Hoot Gibson, proprietário do famoso cavalo doirado, que sempre o acompanha nas suas proezas... do écran. Hoot é, realmente, o mais simpático dos vaqueiros da actualidade, se bem que esteja a aparecer uma camada nova que realmente tem valores extraordinários, senão na arte histriónica, pelo menos na «arte de bem cavalgar tôda a sela»...

Fred Thompson e o seu cavalo «Estrêla de prata», Fred Humes, Red Howes, Gary Cooper, serão célebres dentro em pouco, mercê dos seus sólidos rins e do interesse sempre novo que o público põe nos seus chapeirões pitorescos, nos seus guantes de coiro lavrado, nos sações peludos e nas grandes esporas de rosetas para espicar os seus cavalos nessas desfiladas de vertigem em que cortam as planícies razas do seu maravilhoso oeste.

E ocorre perguntar porque não foram ainda aproveitadas as qualidades fotogénicas do nosso «cow-boy», esse esbelto e maravilhoso bronze animado que é o campino ribatejano, infinitamente mais pitoresco, infinitamente mais cheio de raça e de cor, domando as feras e cavalgando «facas» velozes como o raio, numa maravilhosa vida de beleza, de ardor e de valentia!... Que é dos artistas da minha terra?...



Hoot Gibson, o herói do Far West

Interrogação que, infelizmente, não tem eco!... Era o caso dos próprios ganadeiros, os próprios fanáticos da campina imensa, da lezíria sem fim, tentarem esta indústria artística e realizarem filmes que triunfariam com certeza, como, em todo o mundo, os vaqueiros americanos.

